



# O Ápice da Criação: Perspectivas sobre o Sétimo Dia em Gênesis 1:1-2:3

*The Apex of Creation:  
Perspectives on the Seventh Day in Genesis 1:1-2:3*

*Nicolas Ferreira Perejon Amorim*

## Resumo

Este artigo tem por objetivo trazer as perspectivas difundidas sobre o sétimo dia no relato da criação de Gênesis 1:1–2:3 através do levantamento de fontes, análise de argumentações controversas ou concordantes, estabelecimento de bases de diálogo em diferentes perspectivas teológicas dentro do ambiente de pesquisa e da tradição cristã e judaica. A imagem de um ser humano em relação com seu Criador em Gênesis carrega uma determinada responsabilidade com o sábado que caracterizará no texto uma visão para toda a humanidade em relação ao descanso, o texto trabalha com marcadores litúrgicos que se utiliza da ideia bíblica sacerdotal de templo, um conceito comum na literatura do Antigo Oriente Próximo e que é explorado pelos autores bíblicos, literatura judaica do segundo templo e posterior. O artigo explora o conceito de descanso de Deus no sétimo dia da obra da criação refletindo a inauguração do universo como templo cósmico.

**Palavras-chave:** Gênesis. Criação. Sábado. Judaísmo. Cristianismo.

## Abstract

This article aims to bring the widespread perspectives on the seventh day in the creation account of Genesis 1:1–2:3 through the survey of sources, analysis of controversial or concordant arguments, establishment of bases for dialogue in different theological perspectives within the research environment and Christian and Jewish tradition. The image of a human being in relationship with his Creator in Genesis carries a certain responsibility with the Sabbath that will characterize in the text a vision for all humanity in relation to rest, the text worked with liturgical markers that uses the biblical

priestly idea of temple, a common concept in Ancient Near Eastern literature and one that is explored by biblical authors, Second Temple Jewish literature, and later. The article explores the concept of God's rest on the seventh day of the work of creation, reflecting the inauguration of the universe as a cosmic temple.

**Keywords:** Genesis. Creation. Sabbath. Judaism. Christianity.

## 1. Introdução

O contexto histórico-cultural do relato da criação de Gênesis demonstra que sua literatura não surge a partir do nada, contudo, emerge a partir do ambiente de pensamento do Antigo Oriente Próximo; a literatura bíblica da Torá—os cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica—carrega inspirações de diversas fontes, como as sumérias, mesopotâmicas e egípcias; isso demonstra que, Gênesis é uma antiga cosmologia que tem marcas muito características de sua época. Quando se busca paralelos, pode-se perceber, por exemplo, que o entendimento da realidade não é visto de modo contraposto entre natural e sobrenatural, contudo, ambos estão entrelaçados na realidade e não distintos; as ações cotidianas, desastres climáticos, até uma planta que nasce, todos estão de acordo com as ações divinas, a divindade está totalmente envolvida nas operações e funções do mundo.

Apesar das limitações relacionadas ao conhecimento que se pode alcançar sobre esse contexto, ainda é possível chegar a conceitos e estruturas comuns através da leitura da literatura antiga circundante, sendo que, “literatura antiga é a chave para uma interpretação adequada do texto”.<sup>1</sup>

A produção de Gênesis 1:1-2:3, atribuída à fonte sacerdotal israelita,<sup>2</sup> tem profunda influência de sua sociedade patriarcal, monarquia, sábios e sacerdotes,<sup>3</sup> como também, do contexto histórico do Antigo Oriente Próximo. É possível traçar paralelos, por exemplo, com a obra *Enuma Elish*, o Épico da Criação babilônico, que se utiliza de técnicas próprias do dialeto babilônico para poemas e narrações; o épico contém estratégias linguísticas e um alto nível de erudição,<sup>4</sup> assim como em Gênesis 1, que se utiliza da cultura que o circuncida e traça sua inspiração a partir do material que se relaciona à criação no antigo Israel através de ideias e linguagens sacerdotais.<sup>5</sup>

Paralelos conceituais também podem ser traçados entre as literaturas, um exemplo que será aprofundado neste artigo é a prática do descanso após a completude

---

<sup>1</sup> WALTON, J. H., *The Lost World of Genesis One*, p. 14-20.

<sup>2</sup> BADEN, J. S., *The Composition of the Pentateuch*, p. 169-192.

<sup>3</sup> SMITH, M. S., *The Priestly Vision of Genesis 1*, p. 11-38.

<sup>4</sup> FOSTER, B. R., *Enuma Elish as a Work of Literature*, p. 20-21.

<sup>5</sup> SMITH, M. S., *The Priestly Vision of Genesis 1*, p. 41-86.

da criação, algo que encontramos no texto bíblico e que também pode ser visto no Épico babilônico através da caracterização de um templo, que recebe o nome de *Esagilla*, para o repouso de Marduk após o trabalho de criação.<sup>6</sup>

Entendendo a existência desses paralelos culturais, o artigo argumenta que o descanso ao sétimo dia da criação no relato hebraico não é estranho ao contexto do Antigo Oriente Próximo, abordando perspectivas sobre o sétimo dia em seu relacionamento com o descanso estabelecido em Gênesis 1:1-2:3, seu desenvolvimento na Bíblia Hebraica e tradições judaicas e cristãs.

## 1. A estrutura literária do relato da criação

O texto de Gênesis reveste o sétimo dia de uma grande responsabilidade, como demonstra Mathilde Frey, “[u]ma leitura atenta do texto da criação com sua linguagem, estilo e arranjo estrutural elevados darão uma visão da natureza requintada do sábado”,<sup>7</sup> uma tese também defendida por Doukhan, que sustenta que a estrutura literária de Gênesis é “o ‘fluxo’ do texto em sua totalidade na medida em que se evidencia na regularidade e na harmonia, portanto, da intencionalidade”.<sup>8</sup>

Doukhan disserta que há uma correspondência rítmica e temática do relato da criação, que pode ser dividido em duas perícopes, Gênesis 1:1–2:4a e 2:4b—2:25; o ápice da primeira perícopo se caracteriza pela separação e bênção do sábado. O autor afirma em relação ao dia final da criação que:

... o ato final que é realizado no sétimo dia diz respeito ao fim do processo da criação em sua totalidade (céu e terra) e traz, em conexão com isso, o conceito de descanso sabático. Ou seja, o último e o sétimo ato são essencialmente diferentes dos seis anteriores.<sup>9</sup>

Frey também identifica um padrão no texto da criação, dentro dos próprios dias da criação há uma harmonia entre o “não ordenado se tornando ordenado” e o “inabitado se tornando habitado”, os três primeiros dias apresentam (A) luz, (B) ar/água, (C) terra/vegetação, enquanto que os dias quatro até o seis apresentam a unidade (A’) luz, (B’) pássaros/peixe e (C’) animais/humanos; o primeiro dia está relacionado com o terceiro, o segundo com o quarto e o quinto com o sexto, culminando no sábado que não carrega um paralelo, mas é trabalhado como ápice, dizendo que “[n]o final da semana da criação está o sábado, o epítome da plenitude”.<sup>10</sup>

Não sendo o único padrão na visão da autora, os versículos de Gênesis 2:2-3 demonstram uma estrutura quiástica formada pelos verbos “completou”, “cessou”,

<sup>6</sup> WEINFELD, M., Sabbath, Temple and the Enthronement of the Lord, p. 502.

<sup>7</sup> FREY, M., The Sabbath in the Pentateuch, p. 7.

<sup>8</sup> DOUKHAN, J., “The Literary Structure of the Genesis Creation Story”, p. 16.

<sup>9</sup> DOUKHAN, J., “The Literary Structure of the Genesis Creation Story”, p. 39.

<sup>10</sup> FREY, M., The Sabbath in the Pentateuch, p. 8.

“abençou” e “santificou” no começo das sentenças, sendo que “Ele abençoou e santificou” é o clímax do texto:

A No sétimo dia Deus completou Sua obra, que Ele havia feito,  
B e Ele cessou no sétimo dia de todo Sua obra, que Ele havia feito.  
X Deus abençoou o sétimo dia e o santificou,  
B<sup>1</sup> porque nele Ele cessou de toda Sua obra,  
A<sup>1</sup> que Deus criou ao fazer.<sup>11</sup>

As estruturas literárias de Gênesis indicam que o sétimo dia tem suma relevância em relação aos dias anteriores da criação, o que explica ser o único dia santificado e a primeira coisa a qual Deus santificou; como ressaltado por Waltke, o dia rompe com a estrutura de relato dos dias anteriores da criação, sendo que neste dia não há menção de “tarde e manhã”, sua característica distintiva é vista na consagração através do descanso.<sup>12</sup>

O relato da criação é trabalhado com estratégias literárias que indicam a importância do sétimo dia em relação aos outros, indicando sua santificação, benção e importância.

## 2. A antiga cosmologia de Gênesis, o Templo cósmico e o Templo na Bíblia Hebraica

O relato de Gênesis 1 e 2 é caracterizado como uma antiga cosmologia do Antigo Oriente Próximo,<sup>13</sup> portanto, assim como na literatura mística mesopotâmica, a criação do mundo em Gênesis é conectada com a construção de um templo,<sup>14</sup> Moshe Weinfeld argumenta que, “várias pistas espalhadas pela Bíblia sugerem que uma conexão entre a Criação e o Templo foi reconhecida”.<sup>15</sup>

A perspectiva do relato da criação como um templo não é restrita a Gênesis, uma conexão pode ser analisada na criação e a descrição do estabelecimento do sábado como observância no livro de Êxodo após a instrução do tabernáculo.<sup>16</sup> O segundo livro do Pentateuco identifica uma correlação entre Gênesis 1:1–2:3 e Êxodo 39:1–40:33; após a completude da construção do tabernáculo, Moisés o abençoa<sup>17</sup> e santifica,<sup>18</sup> exatamente como ocorre com o sétimo dia em Gênesis.<sup>19</sup>

A relação entre santuário e relato da criação é encontrada em diversos aspectos, desde as partes internas do templo até as vestes dos sacerdotes demonstram que a ideia de tabernáculo reflete diretamente ao templo estabelecido em Gênesis, ele estabelece o

<sup>11</sup> FREY, M., *The Sabbath in the Pentateuch*, p. 9.

<sup>12</sup> WALTKE, B., *Gênesis*, p. 79.

<sup>13</sup> WALTON, J. H., *The Lost World of Genesis One*, p. 14-20.

<sup>14</sup> SMITH, M. S., *The Priestly Vision of Genesis 1*, p. 41-86.

<sup>15</sup> WEINFELD, M., *Sabbath, Temple and the Enthronement of the Lord*, p. 502.

<sup>16</sup> Ex 31,12-17.

<sup>17</sup> Ex 39,43.

<sup>18</sup> Ex 40,9.

<sup>19</sup> Gn 2:3.

cosmos como um templo. Walton<sup>20</sup> afirma que o santuário continha elementos associados aos cosmos como o tanque de água<sup>21</sup> que representava o mar, os pilares de bronze<sup>22</sup> que representavam as colunas da terra, a lâmpada e azeite<sup>23</sup> representando a luz,<sup>24</sup> o pão da presença<sup>25</sup> que era o alimento provido por Deus, o véu que separava duas câmaras representava o firmamento da terra que fazia a separação entre a esfera terrena e celestial, os dois grandes pilares para o pátio interno eram decorados com lírios e romãs,<sup>26</sup> remetendo também ao jardim do Éden. Jardins no mundo antigo eram relacionados com espaços sagrados, por isso é evidente o paralelo entre os dois querubins de madeira que guardavam o santuário interno<sup>27</sup> e o querubim que guardava a árvore da vida; os querubins colocados nas paredes juntamente com flores e tamareiras<sup>28</sup> e o candelabro adornado com flores.<sup>29</sup>

### 3. A antiga cosmologia de Gênesis, o Templo cósmico e o Templo no Judaísmo do Segundo Templo e literatura Rabínica

A conexão entre o relato de criação de Gênesis, o templo cósmico e o tabernáculo se torna, para Weninfeld, mais evidenciada através da literatura judaica que circuncida o judaísmo do Segundo Templo, como a Mishná, Josefo e Fílon de Alexandria.<sup>30</sup>

Fílon de Alexandria em Leis Especiais I:66 demonstra seu entendimento do mundo universal como o verdadeiro templo e sagrado local, localizando astros e corpos celestiais como partes do templo cósmico, o mundo universal seria “o templo mais elevado e verdadeiro de Deus”, os sacerdotes possuem relação com as estrelas e o lugar santíssimo com o céu,<sup>31</sup> e apesar do alto nível alegórico de sua interpretação, não há uma rejeição do sistema sacrificial e sacerdotal literal.<sup>32</sup>

Josefo em sua obra Antiquidades descreve a estrutura do tabernáculo e mostra correspondências com o universo, alguns exemplos são as duas partes acessíveis do

---

<sup>20</sup> WALTON, J. H., *The Lost World of Genesis One*, p. 80-82; DOUGLAS, A., *The Garden of Eden, the Ancient Temple, and Receiving a New Name*, p. 40.

<sup>21</sup> 1 Rs 7,23-26.

<sup>22</sup> 1 Rs 7,15-22.

<sup>23</sup> Ex 25,6.

<sup>24</sup> Uma observação importante é que a palavra utilizada para luz neste contexto é vista em Gênesis para a descrição dos corpos celestes no quarto dia da criação, enquanto a palavra utilizada para luz no quarto dia da criação de Gn 1,18 é *אוֹר*, a palavra utilizada para a luz fornecida pelo azeite em Ex 25,6 é *לִמְאֹר* que contém a mesma raiz.

<sup>25</sup> Ex 25,30.

<sup>26</sup> 1 Rs 7,19-20.

<sup>27</sup> 1 Rs 6,23-28.

<sup>28</sup> 1 Rs 6,29.

<sup>29</sup> Ex 25,31-33.

<sup>30</sup> Para a análise que se segue da literatura judaica do Segundo Templo devo muito a Moshe Weinfeld.

<sup>31</sup> YONGE, C. D., *The Works of Philo*, p. 540.

<sup>32</sup> KLAWANS, J., *Purity, Sacrifice and the Temple*, p. 117.

tabernáculo, que denotam terra, mar e a terceira divisão, o céu inacessível, onde está Deus. Os doze pães representam o ano dividido em meses; o castiçal com setenta partes remonta setenta divisões de planetas; sete lâmpadas nos castiçais são os cursos dos planetas; os véus e sua composição em linho fino, púrpura, azul e escarlate remetem aos quatro elementos indicando terra, mar, ar e fogo; o cinto que circunda o sumo sacerdote significa o oceano que inclui o universo; as sardônias significam o sol e a lua.<sup>33</sup> Josefo demonstra um entendimento comum no judaísmo do Segundo Templo de correlacionar elementos do templo com aspectos do universo.<sup>34</sup>

A literatura mishnaica se utiliza do Salmo 93 para sua liturgia, o texto é caracterizado pela exaltação de Deus com majestade e poder, o estabelecimento do mundo por esse Deus é louvado trazendo um paralelo com o verso que se segue, onde é retratado o estabelecimento de seu trono e a sua eternidade é exaltada. Em conjunto do estabelecimento do mundo, os rios e as grandes águas são citados remetendo às águas primordiais, o poder de Deus é dito ser maior que as grandes ondas do mar, finalizando com a ideia de santidade à casa de Deus.<sup>35</sup> A prática de recitar Salmo 93 era feita pelos levitas no templo ao sexto dia, como atesta a Mishná Tamid 7:4.

Os relacionamentos entre o salmo, a criação e o templo são feitos e caracterizados pela sua leitura no sexto dia, a entronização de Deus, então, é relacionada com a vinda do sábado.<sup>36</sup>

O relato da criação carrega um caráter litúrgico e cútico, recorrentemente traz fórmulas como "ele viu que era bom" e "foi tarde e manhã" que funcionam como refrões de caráter litúrgico.<sup>37</sup>

Uma leitura atestada pela Mishná Ta'anit 4:3, onde é discutida a prática relacionada à ordem divina de oferta queimada em tempo determinado, que se aplica a todo filho de Israel;<sup>38</sup> a mishná discute como um judeu deveria cumprir esta ordem quando ele está longe do templo, uma prática da tradição é atribuída a Samuel e Davi, a instituição de que para cada sacerdote haveria um judeu não sacerdote "que apoiariam as ofertas comunitárias naquele dia para representar a comunidade", durante o sexto dia era feita pelos israelitas designados uma leitura de Gênesis 2:1-3.

O caráter cútico de Gênesis se demonstra presente na tradição sacerdotal israelita, o templo cósmico reflete o pensamento do sacerdócio hebraico que vê Deus não apenas como um criador do universo, mas como alguém que rege um templo cósmico e conduz uma liturgia celestial desde o início de sua criação. A tradição

<sup>33</sup> WHISTON, W., *The Works of Josephus*, p. 90-91.

<sup>34</sup> É possível traçar paralelos em outras literaturas pertencentes a essa época como Carta de Aristeas, Sabedoria de Salomão e Sabedoria de Ben Sira, veja KLAWANS, J. P., *Sacrifice and the Temple*, p. 114-115

<sup>35</sup> TRUDINGER, P., *The psalms of the Tamid service*, p. 142.

<sup>36</sup> WEINFELD, M., *Sabbath, Temple and the Enthronement of the Lord*, p. 508.

<sup>37</sup> WEINFELD, M., *Sabbath, Temple and the Enthronement of the Lord*, p. 510.

<sup>38</sup> Nm 28,2.

sacerdotal relacionada com a criação permanece no judaísmo do Segundo Templo e na literatura mishnaica posterior.

A obra midráshica Números Rabbah também registra uma interpretação rabínica em que é feita uma comparação entre o tabernáculo e o relato da criação de Gênesis 1. Isso se dá porque assim como Deus criou os céus no princípio em Gênesis 1:2 e Deus estende os céus como uma cortina em SI 104:2, cortinas são estendidas no Tabernáculo em Êxodo 36:7; assim como há uma divisão em Gênesis 1:6, o véu também é dividido em Êxodo 26:33; no terceiro dia da criação as águas são ajuntadas debaixo do céu em Gênesis 1:9 e no tabernáculo há uma pia de bronze para lavagem em Êxodo 30:18; as luzes no firmamento dos céus em Gênesis 1:14 remontam ao castiçal de ouro puro em Êxodo 25:31; as aves que voam no quinto dia de Gênesis 1:20 e os querubins estendem suas asas em Êxodo 25:20; no sexto dia o homem é criado e em Êxodo 28:1 Aarão é trazido; e finalmente, em Gênesis 2:1-3, o sétimo dia em que os céus e terra foram terminados, então, Deus abençoa a criação e santifica o sétimo dia, já o tabernáculo é finalizado Êxodo 32:2, abençoado em Êxodo 39:43 e santificado em Números 7:1.<sup>39</sup>

#### 4. A inauguração do templo cósmico no sétimo dia

Na mentalidade do Antigo Oriente Próximo as deidades repousavam sobre seus templos, Waltke ressalta que os outros deuses criadores “construíram templos como sinal de sua vitória sobre as forças selvagens do caos; Deus, porém, em vez disso instituiu o repouso sabático”.<sup>40</sup> Esta não é uma nova teologia para o mundo antigo - é o que todos os povos entendiam sobre seus deuses e seus templos.<sup>41</sup> O descanso da divindade era estabelecido sobre essa idealização e o clímax de um evento cataclísmico e cósmico,<sup>42</sup> o repouso não carregava o significado de abstenção de todas as atividades, mas propunha um senso de plenitude, estabilidade e resolução de crise, a santidade do dia não pode ser revogada por nenhum homem, o descanso do sétimo dia no relato bíblico, portanto, é a inauguração de *um templo cósmico*, o relato da criação em Gênesis 1:1-2:3 é essencialmente uma narrativa sabática, cujo o ápice e clímax se encontra no sétimo dia.<sup>43</sup>

Apesar das semelhanças com as cosmogonias antigas, o sétimo dia bíblico parece ser uma instituição sem paralelo, porque o conceito de sete dias na semana de criação é exclusivo do relato bíblico que possui conexão com o calendário sacerdotal

<sup>39</sup> SLOTKI, J. J., Midrash Rabbah, p. 482-483; KLAWANS, J. P., Sacrifice and the Temple, p. 124.

<sup>40</sup> WALTKE, B., Gênesis, p. 79.

<sup>41</sup> WALTON, J. H., The Lost World of Genesis One, p. 73.

<sup>42</sup> WALTKE, B., Gênesis, p. 79.

<sup>43</sup> LEFBVRE, M., The Liturgy of Creation, p. 132.

em Levítico 23 e o senso de completude hebraico.<sup>44</sup> O sétimo dia é a porta de entrada do ser humano para o templo, a primeira vez que se estabelece no relato bíblico a ideia sacerdotal do Deus entronizado, não a partir de uma localização geográfica ou um tabernáculo físico, mas através da temporalidade da criação. O primeiro templo de Deus se encontra no tempo, a santidade mais tarde refletida no tabernáculo, onde Deus habita, foi primeiro estabelecido no próprio sétimo dia ao declará-lo santo.

Como descrito por Walton, o templo se torna funcional através de uma “cerimônia inaugural” do relato da criação do texto bíblico, ao se colocar em descanso, Deus está fazendo sua inauguração do templo cósmico; um padrão comum durante a Bíblia Hebraica é a inauguração de locais sagrados através de atividades de culto ritual para consagrações e sacrifícios. A inauguração do templo de Salomão é marcada por sete dias de banquete e festa em 1 Reis 8:65.<sup>45</sup>

Miller nota que a santificação do sábado é conectada e justaposta com o Templo na literatura profética hebraica; em Ezequiel 22:8 aviltar os santuários está em conexão com profanar os sábados, e em Ezequiel 46:1-8 é dado um enfoque aos sacrifícios feitos no sábado, demonstrando uma conexão entre o dia e o templo, assim como em Neemias 13:22 os levitas são ordenados a se purificarem e guardarem as portas de Jerusalém no contexto de santificação do dia de sábado.<sup>46</sup>

O relato de Gênesis 1:1-2:3 e a mentalidade hebraica posterior constroem um padrão em que o templo é relacionado com a santificação do sétimo dia, permeando toda a literatura hebraica e tradição judaica posterior.

A literatura judaica do Segundo Templo demonstra que, possivelmente, o descanso sabático já possuía grande importância para a religião judaica, e gradualmente, após a destruição do templo, o sábado suplantou o Templo como um símbolo religioso do povo judeu.<sup>47</sup>

Determinados grupos santificavam o sábado no período do Judaísmo do Segundo Templo através de pureza ritual, o que revela uma santidade dada ao sábado e uma prática de celebração do dia centrada no culto, portanto, para entrar no sábado era requerida purificação ritual, o mesmo critério para entrar no Templo. Nas obras de Jubileus, Macabeus e nos manuscritos de Qumran é possível encontrar padrões de práticas rituais de purificação remetendo ao primeiro e segundo relatos da criação, onde a profanação do sábado é vista como uma contaminação do dia como, por exemplo, em Jubileus 2:25-26, 2 Macabeus 12:38 e 4Q512.<sup>48</sup>

---

<sup>44</sup> SARNA, N. M., Genesis, p. 14-15; SMITH, M. S. The Priestly Vision of Genesis 1, p. 87-114. Smith percebe como o sétimo dia na literatura hebraica é relacionada com a ideia de completude, alguns exemplos fornecidos pelo autor são Gn 31,23; Ex 24,16; Js 6,15-16; Jz 14,12-15; Jô 2,13; Ec 11,2; Sl 119,164; 12,6.

<sup>45</sup> WALTON, J. H., The Lost World of Genesis One, p. 86-89.

<sup>46</sup> MILLER, Y., Sabbath-Temple-Eden, p. 48-49.

<sup>47</sup> GREEN, A. Studies in Jewish Mysticism and Theology, p. 18.

<sup>48</sup> MILLER, Y., Sabbath-Temple-Eden, p. 47-58.



A literatura rabínica mística desenvolverá também o relacionamento do sábado com o templo, cabalistas posteriores ao século XIII traçarão uma unidade ou par entre o Templo e o Sábado de uma forma mística. Arthur Green demonstra como o rabino Bahya ben Asher se utiliza do texto de Levítico 19:30 que fala sobre guardar o sábado como sendo um Templo; isso trará luz à questão de Êxodo 31:13 de guardar os sábados em meio a uma ordenança maior no contexto do capítulo da construção do tabernáculo.

Green também demonstra que chassídicos do século XIX, como o Rabino Moses Hayyim Ephraim de Sudilkov sustentam ideias parecidas; o rabino se utiliza das iniciais da frase “o sábado por suas gerações” de Êxodo 31:16 para formar a palavra em hebraico *ohel*, que significa tenda, uma palavra relacionada com o tabernáculo.<sup>49</sup>

Já o teólogo, filósofo e poeta judeu do século XX, Rabino Abraham Joshua Heschel, utiliza-se do termo “templo no tempo” para descrever o sétimo dia, o rabino acredita que o judaísmo trabalha com a santificação do tempo e dá o sentido para o dia santificado através da celebração do tempo:

O significado do *Schabat* é, antes, o de celebrar o tempo, e não o espaço. Seis dias da semana vivemos sob a tirania das coisas do espaço; no *Schabat* tentamos nos tornar harmônicos com a *santidade no tempo*. É um dia em que somos chamados a partilhar no que é eterno no tempo, para fugir dos resultados da criação para os mistérios da criação; do mundo da criação para a criação do mundo.<sup>50</sup>

A eternidade encontrada no tempo remete à criação do mundo, antes mesmo de qualquer obra da criação humana, a obra do Deus bíblico já havia alcançado plenitude, como um molde para os seres humanos exercerem a imagem e semelhança do divino, o lembrete desse “Deus que reina sobre o cosmos” é visto constantemente pelo povo hebreu através da lembrança do sétimo dia.

## 5. O sétimo dia e o ser humano no relato da criação de Gênesis

O estabelecimento do templo como um local de repouso para o Deus da criação e mais tarde o estabelecimento para o povo hebreu no livro do Êxodo, levanta a possibilidade de que o descanso de Deus no relato da criação também era um chamado ao homem criado à sua imagem e semelhança.<sup>51</sup> Waltke argumenta que Deus “convoca a humanidade a imitar o padrão de trabalho e descanso do Rei, e assim confessar o senhorio de Deus e sua consagração a ele. Nesse dia cessam de subjugar a terra”.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> GREEN, A., *Studies in Jewish Mysticism and Theology*, p. 26-28.

<sup>50</sup> HESCHEL, A. J., *O Schabat*. p. 19.

<sup>51</sup> Gn 1,26-27

<sup>52</sup> WALTKE, B., *Gênesis*, p. 79.

Doukhan identifica a omissão do substantivo para representar o sábado da criação, contudo, argumenta que a ausência se dá pela relação do verbo *לַבַּיִת* com a pessoa de Deus, mostrando que, o dia está sempre diretamente relacionado com o Criador. Na visão do autor, o ser humano ser criado no sexto dia também é um indicativo, o primeiro dia completo de Adão e Eva é o sétimo dia, pois, apesar de terem sido criados no sexto, mesmo esse dia foi parcialmente vivido, os dois únicos dias que possuem o artigo definido no hebraico são o sexto e o sétimo, que estão diretamente relacionados a presença dos seres humanos em tais dias durante a semana da criação. A plenitude se atinge no sétimo dia, o dia abençoado por Deus, sem o qual o “... trabalho nunca será completamente realizado”.<sup>53</sup>

Nahum Sarna propõe que apenas no segundo livro do pentateuco Deus estabelece a aliança eterna entre Deus e Israel em relação ao sétimo dia, o texto de Gênesis, no entanto é como um fundamento para a futura instituição.<sup>54</sup>

A característica do ser humano dotado de funções divinas também carrega dimensões escatológicas, o homem é comissionado a cumprir em Gênesis 1:28 um propósito, sendo o sétimo dia a plenitude da criação de Deus demonstrando que a plenitude do trabalho comissionado para o homem só pode ser encontrada na plenitude do relacionamento com o Criador.<sup>55</sup>

O ser humano carrega uma relação única com o Deus bíblico, segundo o texto, homem e mulher, ambos, são feitos à imagem e semelhança de Deus,<sup>56</sup> assim, afirma Frey, o primeiro sábado é o Deus que traz o ser humano para a comunhão, a proposta da santificação do sábado é um claro aspecto de separação, as separações do sagrado e profano eram comuns do imaginário do israelita, dado o livro de Levítico que trabalha com pureza e impureza amplamente.<sup>57</sup> Mesmo nos dias de hoje, durante a cerimônia de encerramento do *shabat* é feita a bênção de separação, que consiste na separação do dia santificado para o primeiro dia da semana, então, é dito “Bendito sejas Tu, Senhor, que separas o santo do profano”, o homem é convidado a santificar juntamente com Deus durante o relato da criação. Margaret Barker identifica no texto *A Vida de Adão e Eva* detalhes sobre como os anjos eram convidados a adorar o ser humano, dado que ele era conforme a imagem de Deus, os “anjos-sacerdotes adoravam a Imagem de Deus”.<sup>58</sup>

Hauck<sup>59</sup> cita Beale e demonstra o entendimento de que o homem foi criado à imagem do Criador de três formas, sendo duas explícitas e uma implícita. As duas explícitas são através do subjugar a terra e ser frutífero, e multiplicar sobre a terra; a terceira, implícita, é o sétimo dia, o homem funciona como um vice regente de Deus e

<sup>53</sup> DOUKHAN, J., Genesis, p. 68-70.

<sup>54</sup> SARNA, N. M., Genesis, p. 14-15.

<sup>55</sup> HAUCK, K., The Beginning and the Sabbath, p. 39.

<sup>56</sup> Gn 1,27.

<sup>57</sup> FREY, M., The Sabbath in the Pentateuch, p. 12.

<sup>58</sup> BARKER, M., Introdução ao Misticismo do Templo, p. 77.

<sup>59</sup> HAUCK, K., The Beginning and the Sabbath, 46.

é chamado para entrar no descanso de Deus, a consumação da criação no sétimo dia implica na entronização de Deus e um convite ao seu vice regente para o imitar, Gênesis 2:3 se trata de uma lembrança simbólica do descanso de Deus que comunica ao homem o imitar e entrar no mesmo descanso.

Entende-se que o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, representado como sacerdote, chamado para divinas e representação divinas na terra no relato da criação também implicaria na celebração do sétimo dia com Deus, pois está também relacionado com seu propósito como sacerdote. O estabelecimento posterior como mandamento para o povo hebreu no Êxodo mostra que Gênesis não só serve como fundamento, como também, um exemplo da proposta de adoração no templo de Deus para seu povo.

## Conclusão

O relato da criação em Gênesis 1:1-2:3 demonstra paralelos com os relatos do Antigo Oriente Próximo, o contexto ao qual estava inserido, seus paralelos podem ser observados em literaturas como o épico babilônico *Enuma Elish*, que contém uma estrutura literária que culmina no descanso, tal como o relato bíblico da criação; ambos são marcados através da ideia comum do mundo antigo de uma habitação para deidade no templo. Em sua estrutura literária, interpretações ao longo da Bíblia Hebraica, Judaísmo do Segundo Templo e literatura rabínica, o relato da criação demonstra o sábado como um ápice que tem conexões com a ideia de Tabernáculo e Templo na tradição sacerdotal israelita.

O Templo da criação é visto através do espaço temporal, pelos cosmos, um descanso que não se limita à deidade como também se expande para o ser humano através da imagem e semelhança divina.

A ideia de descanso sabático antes de ser uma cessação de trabalho, caracteriza uma plenitude da obra da criação que é aproveitada pelos seres humanos através da celebração do dia juntamente com Deus, a característica de serem imagem e semelhança desse Deus Criador demonstra que são chamados também a executarem ações divinas, um fundamento que mais tarde será ordenado em formato de mandamento para o povo hebreu no livro de Êxodo, a perspectiva do sábado no contexto da criação é a percepção de Deus como rei dos cosmos e soberano sobre toda a criação, a humanidade é convidada a conduzir este santo culto em memória do Deus Bíblico.

## Referências bibliográficas

BADEN, J. S. **The Composition of the Pentateuch: Renewing the Documentary Hypothesis**. London: Yale University Press, 2012.

BARKER, M. **Introdução ao Misticismo do Templo**. São Paulo: Filocalia, 2017.



COLE, H. R. The Sabbath and Genesis 2:1-3. **Andrews University Seminary Studies**. Berrien Springs, Michigan, vol. 41, p. 5-12.

DOUGLAS, A. The Garden of Eden, the Ancient Temple, and Receiving a New Name, 2013. **Ascending the Mountain of the Lord: Temple, Praise, and Worship in the Old Testament**. Salt Lake City. p. 36–48.

DOUKHAN, J. **Genesis: Seventh-day Adventist International Bible Commentary**. Nampa: Pacific Press, 2016.

DOUKHAN, J. “**The Literary Structure of the Genesis Creation Story**”, 1978. 299 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, Berrien Springs, Michigan.

FOSTER, B. R. Enuma Elish as a Work of Literature. **Journal of the Canadian Society for Mesopotamian Studies**, Toronto, Ontario, vol. 7, p. 19-23, 2012.

FREY, M. The Sabbath in the Pentateuch. In: BEDIAKO, D. K; MUELLER, E. (orgs.). **The Sabbath in the Old Testament and the Intertestamental Period: Implications for Christians in the Twenty-First Century**. Biblical Research Institute, Silver Springs, 2021, p. 5-42.

GREEN, A. **Studies in Jewish Mysticism and Theology**. Lincoln: The Jewish Publication Society, 2015.

HAUCK, K. The Beginning and the Sabbath: Indicators for the Perpetuity of the Sabbath. 2017. **Puritan Reformed Journal**. Grand Rapids, Michigan, vol. 9, n. 2, p. 36-52.

HESCHEL, A. J. **O Schabat: seu significado para o homem moderno**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

KLAWANS, J. **Purity, Sacrifice and the Temple: Symbolism and Supersessionism in the Study of Ancient Judaism**. New York: Oxford University Press, 2006.

LEFEVBRE, M. **The Liturgy of Creation: Understanding Calendars in Old Testament Context**. Illinois: InterVarsity Press, 2019.

MILLER, Y. Sabbath-Temple-Eden: Purity Rituals at the Intersection of Sacred Time and Space. 2019. **Jornal of Ancient Judaism**. Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, Göttingen, vol. 9, p. 46-74.

SARNA, N. M. **Genesis: The JPS Torah commentary**. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989.

SELLIN, E. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2007.



- SLOTKI, J. J. **Midrash Rabbah**: Numbers. London: Soncino Press, 1951.
- SMITH, M. S. **The Priestly Vision of Genesis 1**. Minneapolis: Fortress, 2010.
- SPEISER, E. A. **Genesis**: Introduction, Translation and Notes (The Anchor Bible, Vol .1). New York: Doubleday, 1964.
- STEINSALTZ, A. **The Noé Edition Koren Talmud Bavli**. Jerusalém: Koren Publishers Jerusalem Ltd 2019.
- TRUDINGER, P. **The psalms of the Tamid service**: a liturgical text from the Second Temple. Leiden: Brill, 2004.
- WALTKE, B. **Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- WALTON, J. H. **The Lost World of Genesis One**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2009.
- WEINFELD, M. Sabbath, Temple and the Enthronement of the Lord, **Mélanges bibliques et orientaux em l'honneur de M. Henri Cazelles**, Neukirchen-Vluyn. 1981. p. 501-512.
- WHISTON, w. **The Works of Josephus**: Complete and Unabridged. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2004.
- YONGE, C. D. **The Works of Philo**: Complete and Unabridged. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1993.

*Nicolas Ferreira Perejon Amorim*

Graduando em Teologia pela Faculdade Batista de Minas Gerais

Belo Horizonte / MG - Brasil

E-mail: nicolas.amorim@dampa.com.br

Recebido em: 21/03/2023

Aprovado em: 31/10/2023